



## Em ano de crise para o setor, exportação sustenta suinocultura brasileira

Por Camila Ortelan e Marcos Iguma

Os níveis recordes de exportação sustentaram a suinocultura brasileira em 2016, considerado um dos piores anos para o setor. Os altos gastos com a aquisição de milho foram o ponto principal da crise e prejudicaram produtores e agroindústrias integradoras. Suinocultores independentes, que também estavam descapitalizados com os preços do animal vivo abaixo do necessário para cobrir os custos elevados de produção, tiveram

que reduzir o alojamento ou, ainda, sair da atividade.

Os preços do milho chegaram a níveis recordes em 2016. Segundo levantamentos da equipe de Grãos do Cepea, a saca de 60 kg do cereal atingiu média de R\$ 51,02 em maio, na região de Campinas (SP). Além da quebra na produção, as cotações internacionais mais atrativas levaram a cadeia do milho a direcionar seus produtos para

o mercado externo, especialmente no primeiro semestre.

Segundo dados da Secex, foram embarcadas 12,3 milhões de toneladas nos seis primeiros meses do ano, aumento de 131% (7 milhões de toneladas) nas exportações de milho em relação ao mesmo período de 2015. Esse movimento reduziu cada vez mais a disponibilidade interna do cereal.

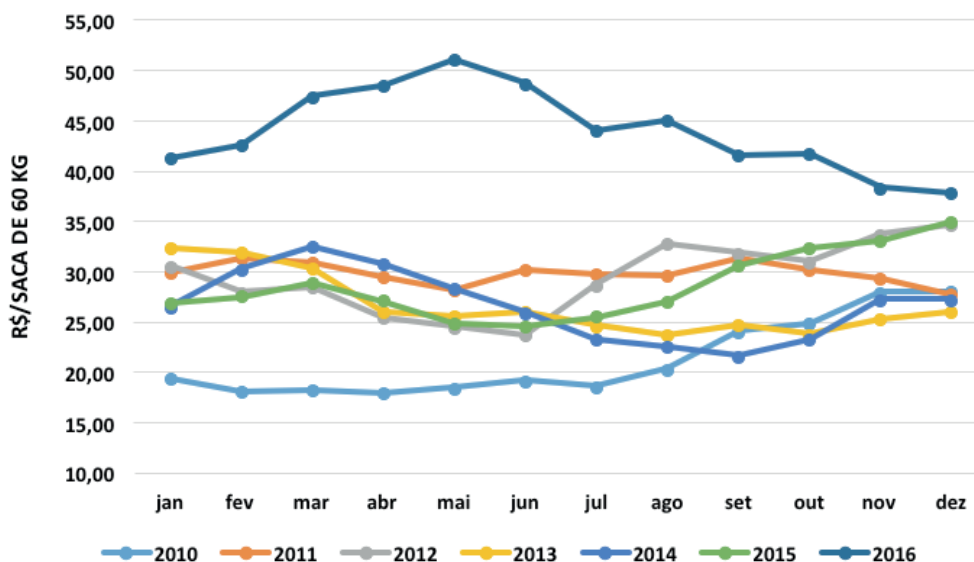


Gráfico 1: Evolução dos preços do milho em Campinas/SP.  
Fonte: Cepea/Esalq-USP.

Diante deste cenário, produtores e integradoras importaram milho, especialmente da Argentina e Paraguai. As aquisições foram crescentes ao longo do ano e atingiram recorde de 495 mil toneladas em outubro. No segundo semestre, somaram 2,36 milhões de toneladas, sendo 1,16 milhão de toneladas do cereal argentino e 1,2 milhão de toneladas do paraguaio.

Com as exportações de carne suína, o Brasil chegou ao seu nível recorde em 2016. No ano, foram 704 mil toneladas embarcadas, 33,8% a mais que 2015. O impulso veio principalmente dos embarques para a China. No período, as vendas àquele país somaram 87,6 mil toneladas, volume quase 17 vezes maior que no ano anterior.

Com a produção nacional prejudicada em 2016, os preços de carne suína na China apresentaram forte movimento inflacionário. Para conter as altas e abastecer sua população, os chineses habilitaram mais plantas frigoríficas brasileiras e elevaram consideravelmente as aquisições do produto brasileiro.

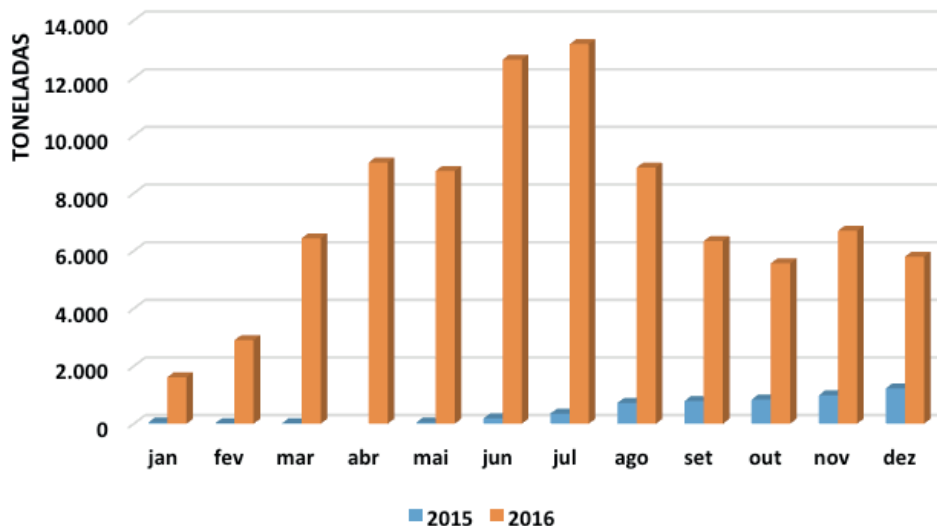


Gráfico 2: Evolução das exportações totais de carne suína para a China em 2015 e 2016.  
Fonte: Secex/MDIC. Elaboração: Cepea/Esalq-USP.

Hong Kong elevou em 33,6% suas aquisições de carne suína brasileira em 2016, totalizando 157 mil toneladas. Vale ressaltar que a região administrativa chinesa costuma atuar como trianguladora, comprando carne do Brasil e redirecionar os produtos à China.

Juntos, China e Hong Kong foram destino de 34,7% das exportações brasileiras em 2016, superando a quantidade de carne suína enviada à Rússia,

ainda principal destino do produto nacional. Os russos importaram do Brasil 242,2 mil toneladas em 2016, 0,9% a mais que em 2015.

Diferente do mercado externo, as vendas no Brasil foram mais fracas que nos últimos anos. A crise econômica brasileira prejudicou o poder aquisitivo da população nacional, cenário que restringiu o consumo de carnes de modo geral. Além disso, os preços da carne estavam em patama-

res relativamente elevados, em termos nominais.

O suinocultor independente foi o mais prejudicado com a crise. Alguns, mais descapitalizados, reduziram o número de fêmeas alojadas, enquanto outros saíram da atividade. Os preços pagos pelos animais subiram ao longo do ano, no entanto, não foram suficientemente altos para compensar todo o prejuízo decorrente do elevado patamar de custo para a criação de suínos.

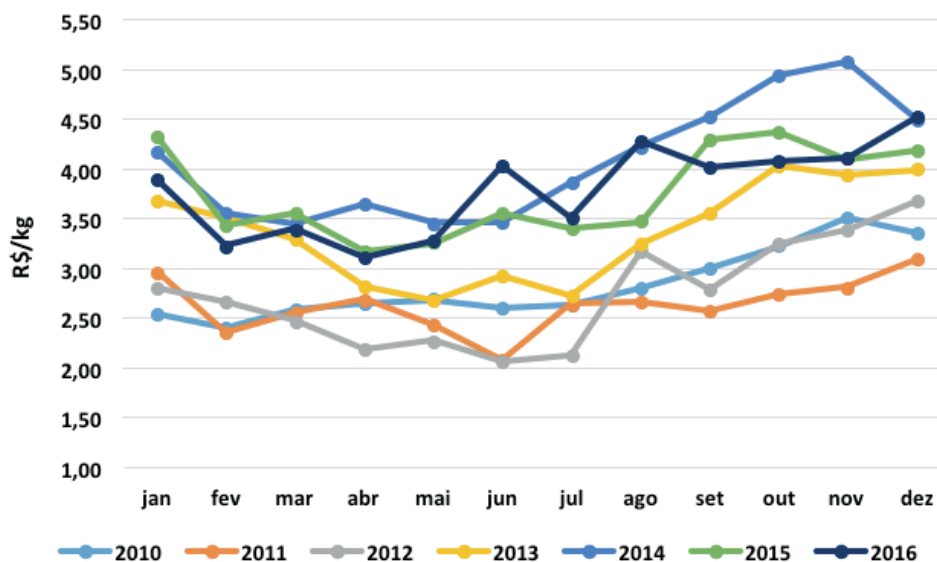


Gráfico 3: Evolução dos preços do suíno vivo na região na região SP-5 (Bragança Paulista, Campinas, Piracicaba, São Paulo e Sorocaba).  
Fonte: Cepea/Esalq-USP.

Para 2017, as esperanças estão pautadas novamente no mercado internacional, diante da produção ainda enxuta. Segundo previsões da ABPA (Associação Brasileira de Proteína Animal), as exportações de carne suína devem aumentar até 5% em 2017. A expectativa se concentra principalmente na continuidade do nível eleva-

do de embarques para a China e países asiáticos.

No Brasil, dados macroeconômicos indicam que a demanda por parte do consumidor deve seguir enfraquecida. Quanto aos custos de produção, o setor suinícola deve ser favorecido por preços mais baixos pagos pelo milho.

Segundo dados da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), a produção total do cereal na safra 2016/17 do Brasil deve crescer 25,9% em relação à anterior. Ainda, há a possibilidade de importação do insumo de países como Argentina, Paraguai e Estados Unidos.

# Com custos elevados, suinocultores intensificam abate de fêmeas

Por Camila Ortelan e Marcos Iguma

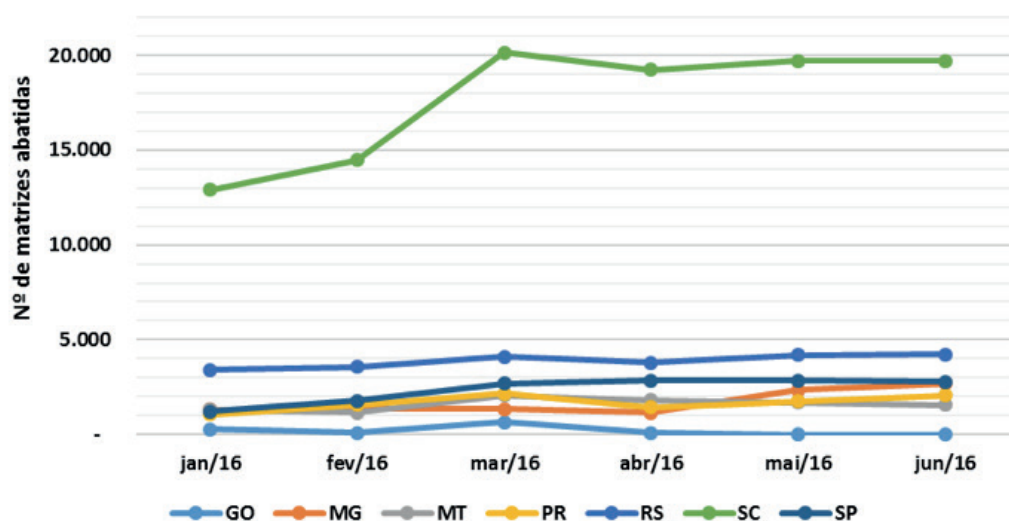
Desmotivados pelos altos custos de produção, especialmente com nutrição animal, e pela baixa rentabilidade, suinocultores independentes e integradoras intensificaram o abate de matrizes no primeiro semestre de 2016. O objetivo foi reduzir os gastos operacionais com a manutenção dos plantéis. De janeiro a junho de 2016, frente ao mesmo período de 2015, o abate de matrizes suínas cresceu 18%

em frigoríficos com SIF (Serviço de Inspeção Federal), segundo dados do MAPA (Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento).

A crise no setor em 2016 teve como protagonista o preço elevado dos grãos (com destaque para o milho, principal insumo da nutrição de suínos) e o aumento geral dos valores de insumos.

De acordo com dados do MAPA, no correr do primeiro semestre, os aumentos mais expressivos no abate de fêmeas ocorreram em fevereiro (de 11,6% em relação a janeiro) e em março (38,1%), quando foi verificado o pico de abates no SIF, com 33,1 mil fêmeas abatidas.

Gráfico 1: Evolução do abate de fêmeas no Serviço de Inspeção Federal (SIF)



Fonte: Mapa.

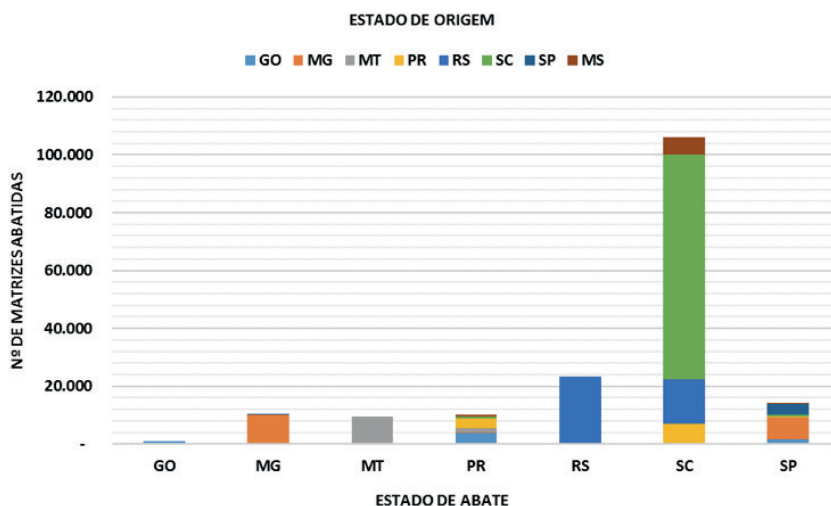
Dentre os estados, a elevação no abate ocorreu com maior intensidade em Santa Catarina, com pico sendo observado também em março, quando 20,1 mil de fêmeas foram abatidas. No acumulado do primeiro semestre, o número chegou a 106,1 mil fêmeas abatidas no estado. Vale ressaltar que, apesar de terem sido

abatidas em unidades catarinenses, parte das matrizes vinham de estados vizinhos: nos seis primeiros meses do ano, 14% das fêmeas vieram do Rio Grande do Sul, 7% do Paraná e 6% de Mato Grosso do Sul.

Na ausência de dados oficiais dos Serviços de Inspeção Estadual (SIE) e Mu-

nicipal (SIM), colaboradores do Cepea relatam que suinocultores independentes, de menor porte (até 500 matrizes), reduziram o número de fêmeas alojadas ou até mesmo saíram da atividade, em decorrência da baixa rentabilidade em 2016. Esta informação é confirmada pela Associação Brasileira de Criadores de Suínos (ABCS).

Gráfico 2: Distribuição por estado do abate de fêmeas no Serviço de Inspeção Federal (SIF) no primeiro semestre de 2016.



Fonte: Mapa.

**REPOSIÇÃO DE MATRIZES** – Mesmo neste cenário de crise na suinocultura, que resultou em intensificação no abate de matrizes, produtores conseguiram manter parte da reposição das fêmeas ao longo de 2016. A flexibilização nos prazos de pagamento por parte das empresas de genética e descontos favoreceram a compra de animais num momento de custos

apertados. Levantamentos do Projeto Campo Futuro (Cepea/Esalq-USP e CNA) apontam reposição de matrizes de 46,7% dos animais na média dos painéis realizados.

Já as integradoras, que produzem suas próprias matrizes, a partir de seus plantéis de avós, conseguem um menor custo com reposição das

fêmeas comparativamente aos produtores menores ou independentes que dependem da compra de matrizes no mercado. A comercialização de fêmeas envolve custos de transação adicionais, como impostos, fretes e a comissão dos vendedores, segundo representantes de empresas de genética suína.

## Custos operacionais efetivos da suinocultura integrada aumentam cerca de 5% em 2016

Por Marcos Iguma, Renato Proximo e Camila Ortelan

Segundo levantamento do Projeto Campo Futuro da CNA em convênio com o Cepea aponta que o Custo Operacional Efetivo (COE) da suinocultura subiu 4,79% na “média Brasil<sup>1</sup>” ao longo de 2016, com destaque para a alta registrada na UT (Unidade de Terminação) da região de Santa Rosa (RS), de 8,23% no período.

No topo dos itens com maior participação no COE, a mão de obra subiu 10,88% de dezembro de 2015 a dezembro de 2016, também na média das regiões brasileiras, consequência do reajuste do salário mínimo.

Os gastos com combustíveis, embora representem apenas 1,34% do COE de 2016 na média Brasil, foram um dos

que mais aumentaram em um ano, 8,38% na “média Brasil”. Na região de Santa Rosa (RS), a elevação desse item chegou a 22,41%.

A alta nos preços dos combustíveis também reflete em outros custos. Em Mato Grosso do Sul, por exemplo, houve forte alta de 15,59% no item transporte de funcionários (locomotiva) no sistema Unidade de Produção de Leitões Desmamados (UPD) entre dezembro/15 e dezembro/16. No sistema Unidade de Produção de Leitões (UPL) de Mato Grosso, esse item subiu 5,6%.

Segundo dados da ANP (Agência Nacional do Petróleo), os aumentos de preços nas bombas foram de 11,55%

para o etanol, de 4,83% para a gasolina C e de 4,45% para o diesel (aqui foram consideradas as variações de preços em regiões levantadas em painel pelo Cepea) entre dezembro/15 e dezembro/16. Segundo distribuidoras, a alta no preço da gasolina C esteve atrelada, entre outros fatores, à valorização do etanol anidro – a proporção de etanol anidro na gasolina C é de 27%.

Os gastos administrativos, que representaram 8,34% do COE, subiram 2,95% de dezembro/15 a dezembro/16. Já a energia elétrica, responsável por 9,24% do COE do suinocultor em dezembro/16, apresentou queda de 2,85% nos valores, justificada pela mudança nas bandeiras.

Tabela 1: Variação acumulada COT, COE e itens que compõe o COE das regiões pesquisadas, e “média Brasil”, de dez/15 a dez/16.

	UPD		UPL			UT			Média Br		
	Dourados (MS)	Santa Rosa (RS)	Rio Verde (GO)	Uberlândia (MG)	Tapurah (MT)	Rio Verde (GO)	Uberlândia (MG)	Dourados (MS)		Tapurah (MT)	Santa Rosa (RS)
COT	5,52%	8,06%	7,71%	4,39%	2,15%	3,45%	3,77%	6,80%	1,47%	7,30%	5,05%
COE	5,55%	8,25%	8,35%	6,59%	5,91%	6,09%	5,82%	6,40%	4,10%	8,23%	6,91%
Administrativos	0,36%	3,56%	2,95%	7,21%	5,15%	3,49%	6,89%	8,15%	4,06%	4,25%	2,95%
Energia Elétrica	-2,10%	-8,82%	-8,79%	-4,25%	-0,55%	-8,79%	-4,25%	-2,10%	-0,55%	-8,82%	-2,85%
Combustível e lubrificante	2,96%	22,24%	10,02%	3,06%	4,97%	6,80%	4,40%	13,59%	3,48%	23,51%	8,38%
Mão de Obra	12,00%	10,50%	10,45%	11,68%	21,48%	23,35%	23,07%	25,26%	23,35%	20,99%	22,47%

<sup>1</sup> COE Média Brasil: Indicador que representa o valor médio dos custos operacionais efetivos das propriedades típicas levantadas pelo projeto Campo Futuro CNA 2016 em convênio com o Cepea nos estados de MG, MS, RS, GO

	UPD		UPL			UT					Média Br
	Dou- rados (MS)	Santa Rosa (RS)	Rio Verde (GO)	Uber- lândia (MG)	Tapu- rah (MT)	Rio Verde (GO)	Uber- lândia (MG)	Dou- rados (MS)	Tapurah (MT)	Santa Rosa (RS)	
Ração	-	9,26%	10,17%	-	-	-	-	-	-	-	9,76%
Produtos Veteri- nários	-	5,95%	7,15%	-	-	7,15%	-	-	-	-	5,97%
Locomoção	13,59%	-	-	-	5,60%	-	-	-	-	-	7,24%
Limpeza e Desin- fecção (lavanderia)	7,15%	7,15%	-	7,15%	7,15%	7,15%	7,15%	-	7,15%	7,15%	7,15%
Identificação dos animais	-	7,15%	7,15%	-	-	-	-	-	-	-	7,15%
Vestimenta e pro- teção individual	7,15%	7,15%	7,15%	7,15%	0,00%	7,15%	7,15%	7,15%	7,15%	7,15%	3,71%
Insumos - Com- postagem	-	-6,25%	5,65%	-	-	-	-	-	-	-	3,97%
Outros	7,44%	7,15%	2,03%	-	-	-	-	-	-	-	5,28%
Manutenções (total)	5,04%	4,46%	3,06%	-1,73%	-2,40%	1,26%	-0,63%	4,28%	-2,42%	3,55%	0,20%

Fonte: Projeto Campo Futuro (2016).

Nesse cenário, a mão de obra segue com a maior participação no COE, de 38,23% em dezembro/16 frente aos 36,13% no mesmo mês de 2015, na “média Brasil”. A maior representatividade desse item no COE, de 58,44%, foi verificada no sistema de produção de terminação (UT).

Para o grupo de manutenções totais, que engloba as manutenções com

benfeitorias, máquinas, implemen-  
tos, equipamentos e ferramentas  
elétricas, também houve diminuição  
na participação deste item no COE,  
passando de 8,24% em dez/15 para  
7,88% em dez/16, na “média Brasil”.

Nesse contexto de custos elevados,  
o produtor mais uma vez teve difi-  
culdades em realizar quaisquer in-  
vestimentos ou arcar com custos,

como reposição de matrizes, troca  
de equipamentos, manutenção de  
benfeitorias e máquinas. A expecta-  
tiva de melhora recai sobre os pre-  
ços menores do milho esperados  
para 2017 e o bom desempenho das  
granjas.

## Ração mais cara eleva custos de suinocultores do RS e de GO

Por Marcos Iguma, Renato Prodoximo e Camila Ortelan

De 2015 para 2016, os gastos com ra-  
ção aumentaram 32,2% para o suino-  
cultor integrado da Unidade de Pro-  
dução de Leitões (UPL) de Rio Verde  
(GO) e 12,5% para o de Unidade de  
Produção de Leitões Desmamados  
(UPD) de Santa Rosa (RS) – foram  
consideradas as variações de preços  
do milho, farelo de soja e farelo de  
trigo em um ano. Esses resultados  
foram obtidos pelo Projeto Campo  
Futuro CNA (2016) no levantamento  
realizado pelo Cepea.

O principal responsável pelo encare-  
cimento da ração foi o milho. O cereal  
se valorizou 62,6% na região sul-rio-  
-grandense de 2015 para 2016, com  
o valor médio da saca de 60 quilos

subindo de R\$ 26,86 para R\$ 43,68.  
Na região goiana, o aumento foi de  
71,2% no período, passando de R\$  
22,93/sc para R\$ 39,27/sc.

Em painel realizado na região de Rio  
Verde/GO, contactou-se que o milho  
correspondia a 37% do total gasto  
com nutrição, representando, por  
sua vez, 71% da quantidade de ração  
consumida.

Quanto à região gaúcha, o impacto  
no bolso do produtor foi minimizado  
pela substituição de parte do milho  
pelo farelo de trigo na composição da  
ração. Em Santa Rosa/RS, conforme  
informações levantadas em painel, o  
milho representava 34% dos gastos,

correspondendo por 55% da compo-  
sição da ração. O farelo de trigo, por  
sua vez, era responsável por 11% dos  
gastos e por 18% da quantidade da  
ração.

Apesar do aumento também consi-  
derável no preço do farelo de trigo  
em 2016, de 40,7% na região sul-rio-  
-grandense – o valor médio da tone-  
lada passou de R\$ 473,34 em 2015  
para R\$ 665,84 no ano passado –, os  
gastos teriam sido bem maiores caso  
essa parcela da composição fosse de  
milho. Vale ressaltar que produtores  
de Rio Verde não substituem o milho  
pelo farelo de trigo, visto que a dis-  
ponibilidade deste derivado na região  
goiana é limitada.



Tabela 1: Evolução dos preços do milho, farelo de soja e farelo de trigo em Santa Rosa (RS) e Rio Verde (GO), de 2015 para 2016, e impactos no COE.

		Rio Verde (GO)		
		2015	2016	Varição
Milho	R\$/sc 60 kg	22,93	39,27	71,26%
Farelo de Soja	R\$/tonelada	1.049,71	1.136,15	8,23%
Aumento no gasto com ração				32,22%

		Santa Rosa (RS)		
		2015	2016	Varição
Milho	R\$/sc 60 kg	26,86	43,68	62,59%
Farelo de Soja	R\$/tonelada	1.158,59	1.227,13	5,92%
Farelo de Trigo	R\$/tonelada	473,34	665,84	40,67%
Aumento no gasto com ração				12,54%

Fonte: Projeto Campo Futuro (2016).

Nesse cenário, a participação da ração no Custo Operacional Efetivo (COE) em 2016 foi de 64,5% na Unidade de Produção de Leitões (UPL) de Rio Verde (GO) e de 59,97% na Unidade de Produção de Leitões Desmamados (UPD) de Santa Rosa (RS).

Nas demais regiões acompanhadas, o sistema de Integração Vertical prevê o fornecimento de ração pela agroindústria ao produtor, que fica menos vulnerável à volatilidade das cotações dos grãos.

**FAZENDAS TÍPICAS** – O modelo típico da suinocultura de Santa Rosa/RS é o da UPD. Os leitões são criados

até a desmama, sendo entregues à agroindústria com 28 dias de idade e aproximadamente 7,5 kg. Em 2016, o gasto com ração para os reprodutores passou a representar 96% do total despendido com a alimentação do plantel – em 2015, representava 95,5%. Os outros 4,5% de participação da ração do leitão no período de aleitamento verificados em 2015 passou a representar 4% em 2016.

Em Rio Verde/GO, onde o sistema típico de produção é a UPL, o desmame dos animais ocorre aos 21 dias de vida (com aproximadamente 5,7 kg) e o ciclo de produção se estende até a creche, quando o animal é entregue

à integradora, com 64 dias e 21,8 kg – outro suinocultor integrado irá terminar os animais até o abate. Nesse sistema, o produtor tem um gasto maior com a engorda dos leitões.

Assim, a participação da nutrição dos reprodutores passou de 44,55% em 2015 para 38,58% em 2016 do gasto com nutrição. A ração para os leitões (na maternidade e creche), passou de 55,45% em 2015 para 51,42% no ano passado do valor total gasto com a alimentação. Como a ração de reprodutor tem mais milho e farelo de soja que vitaminas e minerais, o impacto das variações de preços desses itens é maior. 🌱